

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v18i34.19756>

SKINS E CARECAS:
DA RUPTURA AOS MOVIMENTOS DA JUVENTUDE
[TRAJETÓRIAS E REPRESENTAÇÕES IDEOLÓGICAS E CULTURAIS]

Sérgio Nunes de Jesus

Doutor em Ciências da Educação (UTIC). Doutor em Ciências da Linguagem (UNICAP).
Professor permanente no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação Profissional e
Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT (IFRO).
E-mail: canibal30canibal@gmail.com

Davys Negreiros

Mestrado em Ciências Sociais
Docente Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia, Campus CACOAL
E-mail: davys.negreiros@ifro.edu.br

Rayssa Rossatt de Souza Xavier

Técnica em Agroecologia - IFRO/Campus Cacoal
E-mail: rayssarossatt@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como ancoragem a análise do *rock* tradicional, que passou por uma forte ruptura, originando o *punk rock*, conceituado como uma manifestação cultural e social, concatenado com o *rock* psicodélico, que emergiu no início da década de 1970 e trouxe à sociedade juvenil urbana elementos como simplicidade e agressividade, disseminadas por meio da música e atitudes desprezadas pela ideologia da época - atitudes estas que, no Reino Unido, culminaram em uma revolução musical e cultural caótica sob a tensão da Guerra do Vietnã. Consequentemente, bandas oriundas de movimentos que ocorreram na época acima citada influenciaram diversas partes do mundo. Sabe-se que, devido a esse fator histórico, ao chegar ao Brasil, se destoaram e originaram três novas vertentes: os Carecas do ABC, Carecas do Subúrbio e Carecas do Brasil; inicialmente, representavam a cultura proletária e suburbana.

Palavras-Chave: Movimentos. Música. Ideologias.

SKINS AND BALD SPOTS: FROM RUPTURE TO YOUTH MOVEMENTS [IDEOLOGICAL AND CULTURAL TRAJECTORIES AND REPRESENTATIONS]

Abstract

The present work has as traditional rock analysis anchorage, which underwent a strong rupture, resulting in punk rock, renowned as a cultural and social manifestations, concatenated with psychedelic rock, which emerged in the early 1970 and brought to urban youth society elements such as simplicity and aggressiveness, disseminated through music and attitudes scorned the ideology of the epoch - these attitudes, in the United Kingdom, culminated in a chaotic musical and cultural revolution under the tension of the Viet Nam war. Consequently, bands from movements that took place in the above-mentioned period influenced various parts of the world. It is known that, due to this history factor, in Brazil, it highlighted and led to three new aspects: the *Carecas do ABC*, *Carecas do Subúrbio* and *Carecas do Brasil*; Initially, represented the proletarian and suburban culture.

Keywords: Movements. Music. Ideologies.

Apresentando a problemática

Em 1950, o *rock* passou por uma etapa de ruptura e adquiriu inúmeras vertentes; uma dessas vertentes foi o *rock* psicodélico, originada em meados dos anos 1960, nos Estados Unidos (E.U.A.), durante a guerra do Vietnã, na qual muitos jovens eram convocados e morriam em função da Guerra. A Guerra do Vietnã durou de 1955-1975, mas os Estados Unidos participaram de 1960-1963, retirando-se quando se encontraram na posição de não conseguir combater o avanço do comunismo.

O psicodélico surgiu nessa problemática em 1965, nos Estados Unidos, onde o caos da Guerra do Vietnã pairava nas mentes juvenis da época. Na Inglaterra muitos músicos como *The Beatles*, *The Animals* e *The Who* produziram músicas psicodélicas, todavia a música se expandiu para todo o mundo sendo incorporada por muitas bandas e aderida pela cultura *hippie*.

Os *hippies* estavam constantemente viajando ou vivendo em conjunto com outros *hippies* e contemplavam a utilização de drogas, buscando expandir suas perspectivas do universo, considerado um movimento com fortes influências comunistas. Tais acreditavam em um mundo de todos e eram contra propriedades privadas.

A Guerra Fria estava acontecendo, e os E.U.A. estavam em constante conflito. Segunda Guerra Mundial e em pleno clima de tensão. O mundo estava em uma constante bipolaridade, e os jovens se apegavam a qualquer coisa proibida pela sociedade, tatuando em seus corpos desde símbolos negativos a elementos sadomasoquistas e/ou homossexuais. Essa geração foi chamada de “Geração Vazia” pelo cantor, escritor e compositor do pré-*punk* *Richard Hell*¹ em sua música *Blank Generation*.

Na mesma época, uma escola de teatro de Nova Iorque, chamada *Ridiculous Theater Company* (Companhia do Teatro Ridículo), tinha seu elenco composto por *Drag Queens* e deficientes físicos, ou seja, tudo que a sociedade conservadora da época mais desprezava. Essa escola era famosa por usar muita purpurina e maquiagens em seus atores, influenciando os jovens a passarem maquiagens e vestirem roupas femininas, tanto garotas quanto garotos.

Consequentemente, em 1971, na mesma cena surgiu uma banda intitulada *New York Dolls* (*N.Y.D.*) - em português, Bonecas de Nova Iorque. A *N.Y.D.* era composta por cinco integrantes, cinco garotos, de caráter inovador, fez a diferença no *punk rock* da época, tanto que seus shows eram considerados com uma essência homossexual, eram agressivos e rudes, xingavam e cuspiam na plateia. Ademais, durante a década de 1960 e 1970, a maioria dos artistas eram celebridades ricas que moravam em mansões, sem apego ao público e que raramente chegavam perto dos fãs, mas ... *N.Y.D.*, repentinamente, mudou essa realidade.

Nesse meio tempo, em 1974 surgiu a banda *Ramones*, uma banda de quatro garotos que se tornou a pioneira do *Punk Rock*, um novo estilo musical vindo de uma das vertentes do *rock* - um estilo de música simples, minimalista e repetitivo, que abordava em suas letras problemas sociais como o desemprego, a guerra, a violência e drogas; ou até mesmo o sexo e a diversão. O estilo *punk* tinha um visual agressivo, “rasgado” e chocante, que incluía jovens vestindo e

¹ Richard Hell é um cantor, escritor e compositor norte-americano. Foi baixista da banda pré-*punk* *Television* entre 1973 e 1975. Hell é frequentemente considerado o primeiro artista a exibir uma postura realmente *punk*, que seria imitada e usada como inspiração até hoje.

usando uma linguagem que fugia dos padrões da época, incitando assim o início de um movimento muito forte: o movimento *punk* inglês.

Na década de 1970, a Inglaterra encontrava-se com muitos jovens vivendo de seguro desemprego, e a classe proletária estava em um processo de transformação e crise, período que muitas ideologias foram incorporadas e seguidas pelos jovens, principalmente a ideologia *hippie*, porém nem todos os jovens eram de classe média e gostavam da psicodelia “paz e amor”, o proletariado, por exemplo, buscava mudanças no mundo, com princípios e teorias baseados na oposição do capitalismo e do militarismo. Os supracitados eram contra o machismo, homofobia, nazismo, amor livre, lideranças, e apoiavam a individualidade e a, independência, além de possuírem e possuíam grande influências da filosofia do existencialismo. Esses jovens aderiram ao *punk* que se tornou um dos fenômenos culturais mais polêmicos da história contemporânea e passou a ser um dos principais expoentes da contracultura de contra cultura.

Com o novo estilo *punk* sendo adotado em toda a Inglaterra, começaram a surgir manifestações em massa, culminando no aparecimento de bandas e gangues que fariam a disseminação dos ideais *punks* que eram muitas vezes criticados. Assim sendo, os jornais e autoridades denominaram os jovens das gangues de “apaches”, jovens subalternos, - jovens subalternos -, por questionarem os valores e normas aceitas, assustando as autoridades e as demais pessoas.

Em contrapartida, surgiram outras gangues / movimentos como os *Withe Power*, *Mods*, *Klu Klux Klan*, *Rude Boy*, *Suedeheads*, *Skinhead*, entre outros. Essas *gangues*²/movimentos³ chegaram ao Brasil, se diferenciando no país de acordo com suas necessidades. O mesmo aconteceu com os *Skinhead*⁴, que ao chegarem ao Brasil influenciaram a insurgência dos Carecas⁵, sendo assim, também se destoou e originou três novas vertentes: os Carecas do ABC, Carecas do Subúrbio e Carecas do Brasil.

²Grupo organizado, que se reúnem em prol dos mesmos objetivos. No Brasil, as gangues costumam possuir um comportamento violento e agressivo.

³Movimento é uma corrente de ideias que são seguidas e praticadas pelos seus integrantes.

⁴Um movimento cultural: os integrantes desses grupos eram, em sua grande maioria, membros da classe operária, e usavam raspavam suas cabeças como uma forma de identificação.

⁵Uma vertente do *skinhead*, que quando chegou ao Brasil se diferenciou e se denominou Carecas, a partir do qual foram criadas várias vertentes que seguiam o estilo musical *punk*.

1. Dos primórdios: o movimento *punk* inglês

Em 1974, o *rock* tradicional estava se distanciando do público, conseqüentemente, houve a origem do *punk rock*, conceituado como uma manifestação cultural e social que trouxe simplicidade às músicas e aproximou seus seguidores. O estilo musical *punk* passou de uma cultura para uma ideologia, e de uma ideologia para um movimento. Os seguidores deste movimento, diferente dos *hippies* que eram atraídos pela psicodelia “paz e amor” e buscavam as drogas para expandir suas perspectivas no universo, eram atraídos pelas drogas para fugir da marginalidade e do caos de uma realidade extremamente dura e eram contra os que seguiam a ideia de não-violência e suas atitudes. Os *punks* apoiavam a individualidade e a independência, e por serem contra os *hippies*, cortavam seus cabelos bem curtos como oposição aos longos cabelos destes.

Pioneira A pioneira do *punk rock* é considerada a banda “*Ramones*”, que teve uma grande importância na disseminação e origem do *punk rock*, mesmo depois dos *New York Dolls* os *Ramones* chocaram o mundo com sua simplicidade e agressividade. A banda era composta por um trio de músicos e um empresário que tempos depois se tornou o baterista da banda. Todos os integrantes possuíam *Ramones* como segundo nome e se vestiam com calça *jeans* e jaquetas de couro transparecendo uma aparência agressiva e rebelde, com estilo musical, moda, e gosto por artes muito diferentes para a tradição da época, em referência a uma banda *greasers*⁶ dos anos 1950.

Um jovem, chamado *Mark Perry*, se fascinou pela banda após ouvir o primeiro disco e ao assistir a um show dos *Ramones* abandonou o emprego de bancário, escreveu oito páginas a respeito do grupo, tirou duzentas cópias e passou adiante entregando como folhetos. Assim, o primeiro fanzine⁷ *punk* surgiu, o “*Sniffin´ Glue*” (Cheirando Cola) - o nome faz referência à música “*Now I Wanna Sniff Some Glue*”, dos *Ramones*. O Fanzine foi o símbolo marco para o *D.I.Y. (Do It Yourself)* - na Língua Portuguesa, “Faça você mesmo”. Por serem músicas curtas, simples, dançantes, e evocarem um visual de jaquetas de couro tipo motociclista, camisa branca, calça *jeans* (habitualmente rasgada) e tênis, chamaram a atenção dos jovens da época.

⁶ Subcultura de etnia branca, originada em 1950 nos Estados Unidos.

⁷ Revista para fãs.

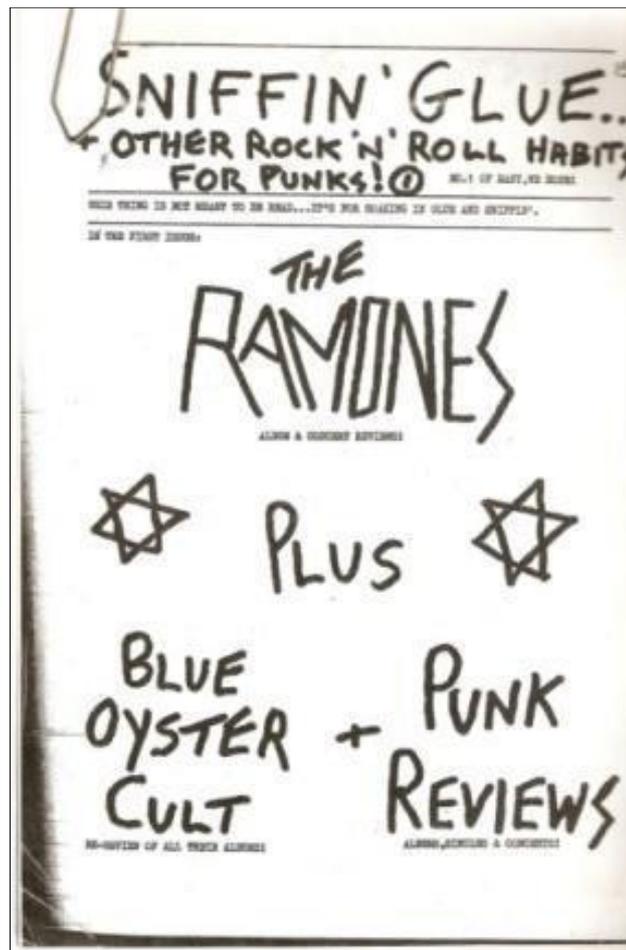


Figura 1. Primeiro fanzine punk.⁸

Além dos *Ramones*, *Sex Pistols* teve grande influência no movimento *punk*, pois eles iniciaram a Era do *Punk* na Inglaterra e foram destaque por terem sido os primeiros a pronunciarem pronunciar um palavrão em rede nacional. O integrante *Johnny Rotten* pronunciou a palavra “*fuck*”, e foi taxado como o mais polêmico do grupo. A *Sex Pistols* era composta por *Johnny Rotten* (vocalista), *Steve Jones* (guitarrista), *Paul Cook* (baterista) e *Glen Matlock* (baixista), que logo foi substituído por *Sid Vicious*, já que *Matlock* era muito “careta” para o cantor *Johnny*. Porém, em 1979, este voltou à banda, pois *Vicious* morreu de overdose de heroína. A banda tinha *Tinha* como empresário *Malcolm McLaren*.

⁸ Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/-vvLxorVCgvc/UOMia-Go2kI/AAAAAAAAAASo/wzQMyi9qa3Q/s1600/digitalizar0010.jpg>. Acesso em 09 de junho de 2016.

Enfim, o *punk rock* possui vertentes que têm em comum suas características de contestação – embora para muitos, barulhenta e desconexa musicalmente; mas nem todas as bandas – apenas para situar a questão:



A primeira diferenciação que o *punk* recebeu foi o *New Wave*, cujo que era visto de maneira mais singela em relação ao *rock*. Com letras inocentes, o movimento agregava itens do *mod*⁹, música experimental¹⁰, música eletrônica¹¹, juntos com o mesmo vieram veio as ombreiras¹² e cabelos com excesso de gel e *glitter*, caracterizando o estilo *New Wave*. Os primeiros músicos do movimento foram *Mink De Ville*¹³, *Talking Heads*¹⁴ e *Blondie*¹⁵.

Em seguida surgiu *hardcore punk*, um *punk rock* mais extremo. As músicas eram mais rápidas e eram caracterizadas pela presença de guitarras intensamente distorcidas e barulhentas, às vezes não chegando nem a um minuto de duração, e não possuía a estrutura de verso e refrão. Normalmente, a música integrava críticas político-sociais, temas antiguerra e antiviolença. Surgiu em meados de 1978 e 1979, adotado, em sua maioria, pela classe suburbana, *skatistas* e surfistas. Em relação à primeira geração do *punk*, não se dava muita atenção ao estilo de vestir. Teve como bandas *Middle Class*¹⁶, *The Germs*¹⁷ e *Black Flag*¹⁸ que fizeram parte do início do movimento.

⁹Abreviatura de Modernismo, é uma subcultura que teve origem em Londres.

¹⁰É um estilo musical inovador originado no século XX.

¹¹Música que é criada ou modificada através do uso de equipamentos e instrumentos eletrônicos.

¹²Pequena almofada colocada por debaixo de peças de roupa para realçar a área dos ombros

¹³Banda, período de atividades 1974-1986.

¹⁴Banda, período de atividades 1972-1991.

¹⁵Banda, período de atividades que teve início em 1974 até os dias de hoje.

¹⁶Banda, período de atividades 1977-2011.

¹⁷Banda, período de atividades que teve o início em 1977 até os dias de hoje.

¹⁸Banda, período de atividades 1976-2014.

No mesmo período, surgiu o *Streetpunk/Oi! Street Punk*, como o próprio nome diz, é na essência um *punk rock* das ruas, que ao contrário do *punk* não se encontrava só nos modismos que dominaram as bandas *punks* no final da década de 1970, era mais conservacionista ao preservar o *punk raiz* fazendo um papel de conservacionista ao conservar o *punk raiz*. Continha e possuiu grande importância, pois fazia o papel de “voz das ruas”, com um estilo arruaceiro, representando a essência do *punk rock*. Pode-se citar a banda *SHAM 69*¹⁹ como modelo, cuja tinha um grande público *skin*²⁰. O *Oi!* proporcionou ao mundo a música feita para os *skins* de raiz.

O *Anarcopunk* se sucedeu ao *Oi!*, pois se pode ver que, de acordo com Carlinhos²¹, um vivente da Era *Anarcopunk*, o movimento é um movimento internacional com ideologia anarquista, ou seja, contra o monopólio, contra o governo, contra o preconceito – os protestantes eram muitas vezes acusados de viver na utopia por acreditarem em um mundo que daria certo sem um governante. A maioria dos que participam do movimento *anarcopunk* vinham vem do subúrbio, e o movimento *punk* fora muitas vezes generalizado em prol dessa vertente, como se todos que participassem participavam do movimento *punk* fossem anarquistas. O estilo de quem participa desse movimento sempre é considerado bem pesado e agressivo, visto que procura demonstrar como é a sociedade em que se vive.

O *Raw Punk*, a última vertente *punk*, tenta resgatar o *punk raiz*, isto é, o *punk rock*, para preservar e valorizar a cultura *punk*. Sendo assim, valorizavam o visual *punk*, possuindo um estilo bem pesado usando bastantes *rebites* e *spikes* em suas roupas.

2. Notando a classe operária: processo de transformação e crise

O *punk* nasceu no contexto de crises e transformações econômicas britânicas, nessa perspectiva situamos os baixos salários e a crise que fez com que inúmeros trabalhadores perdessem o emprego – principalmente em grandes cidades como Londres, jovens de classe baixa questionando seu *status* social e expondo suas injustiças, tanto através da música e *fanzines* quanto de violência e arruaça, além de expor tudo isso em um visual agressivo.

¹⁹Banda, período de atividades que teve início em 1976 até os dias de hoje.

²⁰Abreviação de *Skinhead*.

²¹ Convidado do programa *Matéria prima*, 1991.

Pode-se até afirmar que o movimento de jovens brancos de classe baixa sem perspectiva de mudança de classe social foi o *punk*. A discriminação e a falta de liberdade resultaram em atitudes rebeldes contra o tradicional e o conservadorismo da parte desses jovens, sendo que desde a metade da década de 1970 encontraram a sua identidade tanto na música (como uma forma de linguagem), quanto no visual (como uma forma de escandalizar) uma mudança no seu modo de vida; e realmente a sociedade inglesa se escandalizou com a atitude desses jovens, que saíam pelas ruas com seus trajes sujos, rasgados e emendados tocando músicas “pesadas” e fazendo vandalismo; criou-se, assim, uma nova cultura/cultura própria/contra cultura.

A escolha do nome *punk* pode ser originada de sua tradução, isto é, “madeira podre” ou “vagabundo de pouca idade”, até no inglês arcaico, onde *Shakespeare*, entre outros autores, usa a palavra “*punk*” como algo negativo.

A palavra aparece também em situações muito distintas, como numa comédia shakespeariana em que o autor escreveu “Casar com um punk, meu senhor, é apressar a morte”, e, numa cena do filme *Juventude Transviada*, de 1955, quando James Dean refere-se aos inimigos como punks.²²

Quando o movimento *punk* chegou ao Brasil no final da década de 1970, em São Paulo, principalmente no ABC paulista, onde se concentrava uma enorme classe proletária, havia jovens desempregados, sujeitos a crimes, violência e poluição, um verdadeiro retrato capitalista, além de que os jovens não possuíam uma ampla vaga no mercado de trabalho, tanto pela crise, quanto pela sua educação. Esses jovens não tinham perspectiva, e tal como em 1975, na Inglaterra, a forma de vida inferior tornou propício o início de um movimento que, para eles, trouxe uma possível “solução” para as injustiças.

O *punk* que foi protestado no ABC paulista com músicas retrata as condições de vida do proletário, numa conjunção da súbita e generalizada onda de protesto operário do final da década de 70 e tornou possíveis as mudanças sindicais ao se posicionar contra a exploração no trabalho; também funde com outras vertentes no combate da opressão militar e na luta dos movimentos estudantis. Conjuntamente temos os *punks* lutando na política com envolvimento da política esquerda, ou seja, lutando para a mudança do país para socialista. Pode-se notar o resultado desses protestos e dessa junção dos proletários no momento de transformações e crises no Brasil ao observar, num período de debate na esquerda sobre o tipo de partido (ou partidos)

²² GALLO, Ivone Cecília D’Ávila. Punk: Cultura e Arte. In: Belo Horizonte, 2008, p. 751.

político(s) que se deveria construir na transição para a democracia, por exemplo, teremos a formação do Partido dos Trabalhadores, em 1980, logo depois do *punk* chegar ao país.

A mobilização estudantil-operária dos anos 1967-68 seria retomada em 1977-80, já envolta numa perspectiva operário-estudantil democrática e tenuemente socialista, refundando toda a cultura política da esquerda [...] baseado na mobilização autônoma do proletariado mais preparado, intelectual e politicamente (aristocracia operária), e menos dependente da esquerda tradicional (classe média).²³

Na agenda do partido, a contestação do *status quo* incluía reivindicações tanto no plano substantivo quanto no dos procedimentos e métodos de ação. Como partido socialista, propunha mudanças radicais na orientação de políticas econômicas e sociais, para beneficiar os menos favorecidos. Como partido democrático e participativo, sugeria uma nova concepção de política, na qual os setores da população anteriormente excluídos teriam poder para falar por si mesmos.

Desde o início, tanto os que apoiavam quanto os que atacavam o PT reconheceram que o partido representava uma nova experiência na história política brasileira. A esquerda do espectro político legal no Brasil fora tradicionalmente ocupada por partidos populistas dirigidos pelas elites ou pelo Partido Comunista, durante o seu breve período de legalidade, em meados da década de 40. Até então não havia surgido nenhum partido a partir das bases, contando com um forte apoio da classe operária e tendo uma parte considerável de sua liderança originária do movimento operário. Tais fatores geraram o caráter de novidade e singularidade do partido, reconhecida e defendida por alguns pesquisadores da história do PT, como exemplo Rachel Meneguello:

[...] o Partido dos Trabalhadores constitui uma novidade no sistema político brasileiro, relacionada, entre outras coisas, pela mudança no papel político exercido pelos setores mais modernizados da classe trabalhadora e pelo seu esforço de organização autônoma.

Nesse sentido, é que se tornou conhecida a novidade representada pelo Partido dos Trabalhadores na história política brasileira: não só o PT rompeu com a velha tradição elitista de partidos organizados de cima para baixo – na verdade o PT foi o primeiro partido, nos últimos anos, a nascer da iniciativa dos “de baixo” – como também rompeu a tradição de partidos que nasciam dentro do Estado ou por iniciativa do Estado. Desde seu nascimento, o

²³ GARCIA, Hamilton. Crise, traição e renovação da esquerda. In: **Gramsci e o Brasil**, 2003.

PT esteve fora da tutela do Estado e, ao contrário da velha tradição do populismo, nasceu contra o Estado. No quadro da tradição política brasileira, isso é extremamente importante, pois representa uma primeira oportunidade de a política voltar a se articular com a questão social – separação que, como todos sabemos, sempre foi uma velha tática usada pelas classes dominantes para evitar que as “mudanças” que eventualmente ocorrem no País toquem na base de classe dos seus grandes interesses e dos seus grandes privilégios.

Essa novidade radical estava contida já em alguns desafios a que o PT se propunha: a tentativa de articulação dos novos movimentos sociais emergentes no ciclo expansivo do capitalismo brasileiro nascido na segunda metade dos anos 60, com uma forma adequada de sua expressão política, o projeto de compatibilizar as mobilizações sociais dos trabalhadores com a luta democrática antiditatorial, em suas fronteiras mais amplas, com todas as suas expressões novas: os movimentos das mulheres, dos negros, das várias minorias, dos favelados, entre outros. Como nos diz Weffort, em outra entrevista:

O PT é um partido muito peculiar como partido político. É um partido que tem origens nos movimentos populares, nos movimentos sociais e no movimento sindical [...].

São essas características que fizeram do PT – ao contrário de muitas outras experiências de esquerda – uma proposta de partido aberto, amplo e democrático. Ao mesmo tempo, fizeram também do PT um partido ligado aos movimentos sociais e, eu diria mesmo, colado aos movimentos sociais, e isso passou a constituir um manancial insubstituível de experiências de base. Esse foi um fator extremamente importante, pois, neste contexto, o PT encontrou uma de suas grandes fontes de vitalidade no aprendizado concreto a partir de sua própria prática. Nesse mesmo sentido, escreve o Deputado José Dirceu:

O PT aparece no bojo do movimento sindical do ABC e no interior das lutas populares. Nasce sustentado por lideranças da Igreja progressista, por intelectuais e setores da classe média que se opunham à ditadura e lutavam pelo socialismo. Na sua raiz, encontravam-se, inclusive, organizações marxista-leninistas.

O final da década de 1970 e o começo da década de 1980 foram marcados no Brasil e no mundo pelo movimento coordenado pela classe operária, um movimento que mudou tanto os sistemas partidários como os sindicatos. Apesar dos *punks* não serem os melhores representantes dos operários, por sua rejeição social, foi preciso nesse momento posturas e ideais que impulsionassem o movimento trabalhista, e que o governo pudesse olhar para a classe baixa que precisava de atenção e cuidados.

3. Da organização aos movimentos esquerdistas

Desde a fase *hippie*, o pensamento político de esquerda ganhou força, um movimento cujo tinha como fundamentos o socialismo, o anarquismo e o marxismo; um campo que apoia a igualdade social, a descentralização do poder e a oposição ao capitalismo. Quando o *punk* chegou ao Brasil, pode-se perceber primeiramente a aparição de gangues por todo o ABC paulista e por São Paulo, grupos que tinham ideias e críticas fundamentadas no movimento esquerdista e lutavam por melhores condições de vida, salários e emprego, além de educação digna para todos.

Essas gangues não só faziam protestos para atingir seus objetivos, mas também cometiam vandalismo e até mesmo assaltos e sequestros, talvez por isso os *punks* fossem taxados pela sociedade como algo totalmente negativo e sem princípios (só vandalismo). Mas, na verdade, as gangues *punks* foram formadas para que os proletariados também tivessem seus direitos, que a classe baixa pudesse ter um enfoque maior em várias áreas - eles queriam ser tão bons quanto as outras classes, ou seja, que não houvessem as classes divisoras da sociedade.

Levando em conta que nos protestos das gangues e em músicas *punks* eram defendidas ideias socialistas e anarquistas, a liberdade do indivíduo, a ausência de poder no governo e a oposição ao tradicionalismo, a oposição às propriedades privadas eram frequentes, e foi retratada na música “Se não há lei” da banda Bandeira de Combate, onde cita: “Se não há lei; Eu sou a lei, eu sou a lei”.

A música “Anarquia Oi!”, da banda Garotos Podres, pode representar o pensamento anarquista dos *punks*, sugerido em alguns trechos: “Não acredite em falsos líderes, pois todos eles vão te trair. Anarquia oi, oi!”; ou na música “Eu não gosto do governo”: “Eu não gosto do governo, não confio no presidente, eu não acredito na ‘Ordem e Progresso’” - e a liberdade do indivíduo pode ser vista em: “Mais ninguém pode me censurar, pois não sou obrigado a gostar, confiar, acreditar em nada deste mundo”.

3.1. Uma transição possível: dos *Punks* aos Carecas do Brasil

Quando o *punk* realmente chegou em massa no Brasil, o país estava vivendo a ditadura militar, sendo assim, havia muita repreensão cultural. No final da década de 1970 e o começo da de 1980 o país estava em crise, com muito desemprego e desvalorização da classe do proletariado e principalmente a depreciação da parte jovem e suburbana. O *punk* chegou por meio dos grandes veículos de comunicação como discos, revistas e jornais especializados, e além do *punk* também vieram os estilos e movimentos contra culturais como os *Skinhead*.

As primeiras informações sobre os *punks* chegaram ao Brasil através de discos, de revistas especializadas, de jornais, enfim, da mídia no geral, no final da década de 70, ao lado das primeiras informações sobre *Skinhead*.²⁴

E assim a imprensa brasileira começou a produzir matérias sobre o *punk* europeu, e também a falar sobre sua presença no Brasil, bem como do processo dos jovens que se identificaram com os *Skinhead* e criaram o movimento “Carecas”, havendo exceções, mas no geral todo Careca já foi um *punk*, devido a isso, eles não foram contra o movimento no início.

E então os *punks* começam a diminuir a qualidade, visto que os mesmos só estavam interessados em bagunçar, quebrar vidraças, e começavam a levantar a bandeira da anarquia apenas por moda. Ninguém mais acreditava naquilo, e foi quando *Johnny Rotten*, durante suas apresentações, gritava para o público “Nós não estamos interessados em música e sim em caos!” que obtiveram mais certeza de que os *punks* estavam se transformando.

Foi em busca de um movimento mais sério, que mudaram seu foco e conduta, e como viam em recortes de jornais falando sobre o movimento dos *skinheads* na Europa, foram atraídos pelo nacionalismo, pelo corte careca, postura de jovens trabalhadores, que praticavam exercícios físicos e artes marciais para se protegerem de uma cidade perigosa, além de terem um propósito de um organismo saudável e as vestimentas, que foram aderidos aqui no Brasil, com algumas diferenciações e transformado no movimento “Carecas”.

3.2. Da essência do movimento: os Carecas do Brasil

²⁴ COSTA, Márcia Regina da. **Os Carecas do Subúrbio**: caminhos de um nomadismo moderno. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993, p. 44.

Os Carecas surgiram em meio a transformações de ordem política e da crise econômica, começando com a intenção de fundar um movimento sério no Brasil. Quem fazia e faz parte desse movimento são os trabalhadores, marginalizados socialmente, vindos de bairros periféricos, muitos atraídos pela importância da defesa pessoal, ao não uso de drogas. Eles sempre apoiam uns aos outros nas brigas, como uma família. De acordo com Márcia Regina, uma das questões que os Carecas sempre deixaram claro é a preocupação em manter a dignidade e respeito, por serem trabalhadores.

Segundo sua visão, o careca trabalha e se diferencia do bandido, do marginal, que são definidos como aqueles que não trabalham, roubam o pobre e vendem drogas para sobreviver [...].²⁵

Pode-se observar que, para eles, o fato de utilizarem a violência não os faz ser como os marginais ou delinquentes. O que mais chama atenção em um careca além do seu estilo musical é a ideologia conservacionista, como eles próprios denominam: “Caretas”. O visual de uma careca é algo marcante em sua imagem: geralmente composto por coturnos (na maioria das vezes de ponteiros metálicas), jeans justos, jaquetas e camisetas com algum detalhe de militarismo ou de cores escuras ou brancas e cintos.

A denominação “Carecas do Brasil” foi escolhida pelos Carecas do estado do Rio de Janeiro, por volta de 1983. Os mesmos costumavam se encontrar na Central do Brasil, lugar que provavelmente deu origem ao nome do movimento. Assim começou o movimento espelhado na realidade brasileira.

3.2.1. Os Carecas do Subúrbio

O centro urbano de São Paulo, em 1980, se encontrava em meio a uma confusão dos *punks* da cidade e os *punks* dos subúrbios. Ao aproveitarem a ocasião articularam a formação de um grupo, cujo nome proposto era “Carecas do Subúrbio”. Estes podem ser identificados como pessoas com postura, que se aproximam da delinquência ao organizar ações violentas contra

²⁵ COSTA, Márcia Regina da. Os Carecas do Subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993, p. 128.

minorias²⁶ que não fazem parte dos seus “padrões corretos”. Encontram-se na zona leste de São Paulo, e se recusam fazer parte de qualquer partido ou associação de caráter político.

A música “Careca”, da banda Neuróticos, feita em prol dos Carecas do Subúrbio, constitui uma base da caracterização dos supracitados, como mostram os fragmentos abaixo:

*Vamos para a guerra
Juntar nossa força
Careca! Careca!
Não gostamos de racismo
Não gostamos de fascismo.²⁷*

Em meio à música, pode-se observar que os grupos tentam afastar a imagem atribuída aos *skinheads* europeus vistos como nazistas e racistas, como no trecho “Não gostamos de racismo” e a ligação com a extrema-direita.

3.2.2. Os Carecas do ABC

Uma parte dos Carecas alcança as ideias neonazistas e passa a utilizar seus símbolos, cindindo o movimento, já que alguns membros não aceitavam devido à diversidade brasileira. Surge então, um grupo dissidente, os Carecas do ABC, um movimento de extrema-direita com ideologia nazista.

Os carecas já começam a ficar conhecidos a partir da violência, e sai no jornal a notícia de que um grupo de dezoito Carecas do ABC espanca até a morte um adestrador de cães pelo fato de estar de mãos dadas com seus companheiros. Estes adotam uma postura machista, recusando a presença de mulheres em seus grupos, e adotando inclusive a hierarquia militar. Além de defender o integralismo, Acreditam na tríade Deus, com a Pátria e Família.

²⁶ Homossexuais, *hippies*, simpatizantes da utilização de entorpecentes, *skinheads*, racistas, nazistas e fascistas, anarquistas.

²⁷ Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/neuroticos/1135064/>>. Acesso em 20 de junho de 2016.

4. Da caracterização do “OI!”: *Sieg Heil*

Em 1977 e 1978 houve um rompimento no movimento *punk*, onde as bandas precursoras desse movimento perdiam sua essência devido à fama. Mas longe de toda publicidade da época surgiram bandas como *SHAM 69*, *Cockney Rejects* e *4 Skins*, que nasceram nos subúrbios das cidades e que voltavam à raiz *punk*. Tais tinham como objetivo reviver esse movimento taxado de arruaceiro e agressivo e representar a classe proletária. Essas novas bandas faziam parte, então, de um novo estilo musical, o *street punk* ou, em português, *punk das ruas*. Esse estilo e ideologia passaram tempos depois a serem seguidos por muitas bandas, o que foi de suma importância para a consolidação do *street punk*.

Entre essas novas bandas, a *Cockney Rejects*, que foi formada em 1979 e seguia o estilo *street punk*, ficou conhecida rapidamente entre os *punks* e *skinheads*, pois o estilo estava mais próximo da violência, das drogas, da agressividade e da contestação política e social, características valorizadas pelos *punks* da época. A banda fez muito sucesso com suas músicas, mas se este concretizou com a música “Oi! Oi! Oi!”.

*And we're running down the backstreets
Oi! Oi! Oi!
And we're running unafraid
Oi! Oi! Oi!
Cause we all know that's the sound of the streets [...]*²⁸

Este fragmento mostra as características *street punks* empregadas na música do *Cockney Rejects*, começando com o trecho: “E nós estamos correndo pelas vielas”, as vielas estão relacionadas a becos ou ruas estreitas, normalmente nas periferias e favelas. O “Oi! Oi! Oi!” a parte principal e mais repetitiva da música, de acordo com Márcia Regina²⁹ faz referência a uma gíria usada nos subúrbios pobres de Londres.

Na sequência temos o trecho: “E nós estamos correndo sem medo”, que indica que os jovens enfrentavam as sociedades e as autoridades sem medo das consequências, pregando a sua ideologia sem receio de atingir algo ou alguém. E a banda sentia que o seu estilo tinha como ideal ser a voz das ruas, a voz da sociedade de classe baixa e a voz dos jovens, quando no trecho

²⁸ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/the-oppressed/oii-oii-oii.html> . Acesso em 20 de junho de 2016.

²⁹ Autora do livro “Os Carecas do Subúrbio”, uma tese de doutorado transformada em livro, publicada em 1993.

a seguir frisa “Porque todos nós sabemos que é o som das ruas”. Essa música se tornou o símbolo do estilo musical, onde o *street punk* passou a ser conhecido como *Oi! / Oi! Punk*.

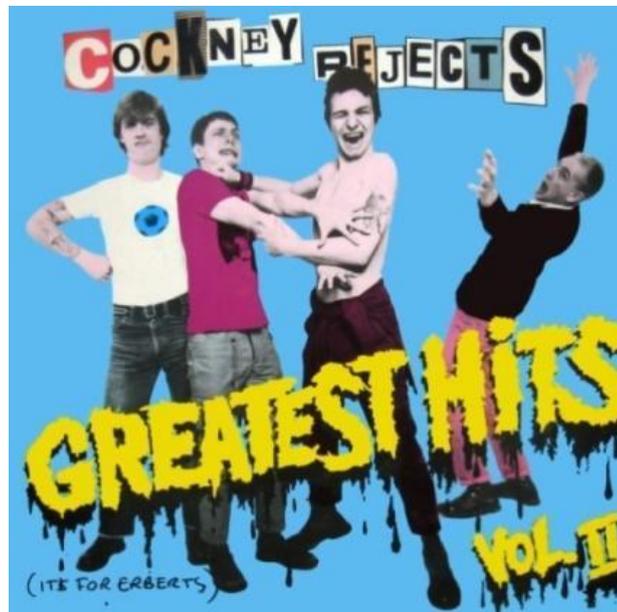


Figura 2. Capa do álbum "*Greatest Hits, Volume II*", onde foi vinculada a música *Oi! Oi! Oi!*. Terceira faixa do disco.³⁰

Os *skinheads* adotaram o *punk rock* como estilo musical desde 1975 com os *Sex Pistols* e *Ramones*, mas se sentiram desapontados “Com seu equipamento caro, suas músicas elaboradas e seus temas sofisticados, o rock se afastava da dura realidade cotidiana vivida pelos jovens brancos das camadas mais pobres” (Costa, 1993), como se estivessem esquecidos os fundamentos *punks*. Os *skinheads*, assim como muitos *punks* e jovens mudaram seu estilo\ideologia musical para o “*Oi!*”. Segundo Márcia Regina, o *Oi!* tinha a intenção de congrega *skinheads*, *punks* e jovens desempregados. O *Oi!* preserva algumas características *punk* como a agressividade e a violência, mas com um ritmo mais lento, com gritos de torcida e fortes sons de guitarra.

O movimento *Oi* conseguiu reunir contraditoriamente inúmeras vertentes do *underground* inglês: *Punks*, *Street Punks* (*punks* rueiros), *Skinheads* nacionalistas e Nazifascistas, *Hooligans*, (torcedores violentos e fanáticos pelo futebol), *Red Skins* (dissidência dos *Skinheads*, considerados *Skins* vermelhos: anarquistas ou

³⁰ Disponível em: <http://altwall.net/groups.php?show=cockneyrejects> Acesso em 09 de junho de 2016.

comunistas), SHARP (*Skinheads Against Racial Prejudice*) *Skinheads* Contra o Preconceito Racial [...].³¹

Como os *punks* e *skins* adotaram o mesmo estilo musical, ambos se deparavam em muitos lugares. Os *skins* eram extremamente nazistas e direitistas, já os *punks* seguidores do *Oi!* eram mais moderados e apolíticos, e isso causou muitos conflitos entre os dois movimentos contraculturas. Os *skins* como uma forma de romper ligações com o *Oi!* qualificou o *Sieg Heil*³², cujo era um costume de saudação nazista na Alemanha. Sendo assim, houve uma troca de nome do estilo, já que o *Oi!* era o estilo preferido dos *skinheads*, pois tinham tendências *Ska* e *Reggae*.

4.1. Da influência do “OI!”: do *Street Punk* para Os Carecas

Com as comunicações em massa o *punk* chegou ao Brasil e foi muito bem acatado pelos jovens, os quais precisavam nesse momento de uma forma de expor sua revolta por meio da música, do estilo e ideal. Entretanto, a vertente que primeiro chegou ao país foi o *Oi!*, pois o *punk*, na época em que foi disseminado, estava sendo representado pela vertente *Street Punk*.

Em 1977, a imprensa começou a divulgar materiais sobre o *punk* no país, como a revista *IstoÉ* com várias publicações sobre o *punk*. Uma delas tinha como título e subtítulo: “Há futuro nos *punks*? Há muita animação na Europa, mas aqui o movimento custa a pegar”. Esta revista foi publicada em novembro de 1977 e a reportagem mostrava claramente o que a sociedade pensava dos *punks*, pois dizia “No Brasil o *Punk* só se manifesta através de visual e algumas caretas”, que retrata sua opinião sobre o *punk*, que seria apenas mais um *slogan* na indústria da moda no qual as empresas estampavam suas camisas com a palavra *punk* e outros nomes relacionados a bandas e ao movimento. Foi a empresa de confecção *Ellus Jeans*, em 1977, que lançou a moda *punk*.

³¹ TEIXEIRA, Aldemir Leonardo. O movimento *Punk* no ABC Paulista: anjos - uma vertente radical. São Paulo, 2007, p. 50.

³² *Sieg Heil*, tradução em português é “Salve a vitória”.



Figura 3. Garotos propaganda da *Ellus Jeans* em pleno lançamento da onda Punk.³³

O *Oi!* foi fundamental para o Brasil, já que o *Oi!* Misturava *Ska* e *Reggae*. Muitos destes *punks* recém formados no Brasil aderiram a valores originais do movimento *Skinhead*, e eram mais ligados ao *Oi!* do que qualquer outra vertente do *punk*. À primeira vista, a política ficou em segundo plano, sendo realmente mais visado pela maioria dos jovens apenas a música e o visual. Mas não para todos, uma vez que existiam *punks* com uma atração pelo fascismo, nazismo e pela violência, além de começarem a refletir mais sobre política e adotarem o movimento direitista. Estes só escutavam músicas *punks* sem nenhuma afinidade com os demais formatos musicais, além de que, assim que o *Oi!* foi introduzido no país, foram formadas muitas gangues brasileiras.

E assim o *punk* passou de apenas um visual para um ideal para muitos jovens, onde o *Jornal da Tarde* em junho de 1979 publica o artigo “A ameaça *punk*”, onde diferente da revista *IstoÉ* o movimento deixa de ser considerado inofensivo e passa a apresentar uma certa ameaça, deixando de ser cultural para contra cultural.

Desde que a música e a moda que exalta o sujo, o grotesco, criadas na Inglaterra há menos de dois anos, chegam a São Paulo, os nossos *punks* trataram de imitá-las com fidelidade. Os guardas da segurança do metrô, no Largo São Bento, já não se surpreendiam com os adolescentes vestidos de sujo; com suas grossas correntes penduradas à cintura ou no pescoço.³⁴

³³ Disponível em: <http://apologo11.blogspot.com.br/2008/08/o-vocalista-percy-e-o-made-in-brasil.html> Acesso em 09 de junho de 2016.

³⁴ *Jornal da Tarde*, 1979, julho.

A matéria descreve como a sociedade via os *punks* e como era o seu ponto de vista ao modo de vestir desses adolescentes, enfatizando seu caráter suburbano, além de dar a impressão de que os *punks* tomaram o ABC Paulista. Assim a entidade brasileira passou a ter uma visão de que o *punk* era violência, drogas, sexo, brigas, arruaça e desrespeitosa em relação aos valores tradicionais.

4.2. Das Bandas e os *Fanzines*: suportes culturais na linguagem

Com o conceito *punk* conhecido, as músicas conhecidas, um movimento mais pensado e definido, um objetivo mais claro, mais brasileiros começaram a difundir o *punk*, dando entrevistas e formando bandas *punks* brasileiras. A primeira banda de *punk* que surgiu no Brasil foi a “Resto de Nada”, em 1978, de São Paulo, logo depois os “NAI (Nós Acorrentados no Inferno)”, também em 1978. Ambas tocavam nas noites na Vila Carolina, bairro na zona nordeste de São Paulo, e com elas vieram os *Condutores de Cadáver*, *AI-5* e *Cólera* entre outras bandas criadas posteriormente, que gravavam suas músicas em lugares improvisados e nos vídeos K7s. Essas bandas foram fundamentais, cada uma em sua época, e não só fizeram música, mas também dispersaram o movimento em forma de *fanzines*, como por exemplo, a banda *Cólera* cujo foi uma das bandas mais representativas e atuantes no meio musical do *punk* brasileiro. Desta forma, a música e o *fanzine* se tornaram eram os principais meios de expressão do pensamento e de comunicação entre os próprios *punks*.

Os *fanzines* tinham como principais características a resistência e inovação, e por elas difundem-se as novas tendências culturais, que refletem e analisam aspectos da arte. Sua denominação é derivada de duas palavras inglesas, “Fanatic” e “Magazine” - é uma contração de palavras, que em português pode ser traduzida como revistas de fãs e/ou publicações amadoras que foram produzidas por fãs. Esse meio de comunicação é considerado como uma publicação marginal, uma vez que são distribuídas às margens da sociedade e representam um forte apelo. Por suas características liberais, espontâneas e independentes o *punk* fez do *fanzine* seu canal de comunicação.

O primeiro *fanzine* no Brasil surgiu em 1965, e foi constituído por histórias em quadrinhos. Na verdade, poucas pessoas conheciam os *fanzines* como meio de comunicação até o final da década de 1970, onde o *punk* começou a relacionar suas publicações nos *fanzines*. O primeiro

fanzine punk brasileiro foi o *Factor Zero*, da banda *Anarcoólatras* de São Paulo, editado por *David Strongos*, que representava características *punks* e *hardcores*; por serem os primeiros eram mais simples, impressos por copiadoras e distribuídos pelo correio.



Figura 4. Primeiro *fanzine punk* brasileiro, *Factor Zero*.³⁵

Os *fanzines* passaram a ser também uma forma de unir e pacificar as gangues *punks* da época, como a banda *Cólera*, que fez isso muitas vezes e distribuía em seus encontros na *Punk Rock Discos*, local de encontro fixo de *punks* e simpatizantes, para anúncios e compras. Bandas importantes no conteúdo musical da época são: “Bandeira de Combate” (Bahia) e “Garotos Podres” (São Paulo).

³⁵ Disponível em: <https://punkinfluencia.wordpress.com/author/culturadamidiafoa/>. Acesso em 13 de junho de 2016.



Figura 5. Fanzine atual mostrando o Oi! e o seu público alvo.³⁶

A banda *Garotos Podres*, formada em 1982 no ABC Paulista, foi a primeira banda *Oi!* nacional. Lutavam contra a ditadura civil-militar e eram a favor da reabertura política. É considerada um ápice do movimento punk no Brasil e ainda hoje é referência musical; preferiu não ser taxada de uma banda sofisticada ou até mesmo por uma banda que perdeu a essência do *Oi!* e não fazer contratos com as grandes gravadoras, assim como a banda *Cólera* e a banda *Ratos de Porão*. A banda sempre tinha espaço nas rádios *punks* como a *97 FM*, emissora de Santo André, pioneira do estilo rádio *rock*, que depois da liberdade de expressão ser “doada” pelo governo militar, fazia suas músicas com sentimentos extrapolados, onde mostrava para o público uma liberdade maior.

A banda não poderia ir contra as características *punks*, então ela não perdia seu lado arruaceiro e violento. Por sempre se encontrar em meio a alguma confusão, manchava seu nome negativamente. Na sua música “Anarquia *Oi!*” a banda mostra seu ideal, onde é contra os poderes e autoridades, visível no seguinte fragmento: “Não acredite em falsos líderes, pois todos eles vão te trair Anarquia *Oi, Oi!*”, através de músicas similares, incitava o público a ir contra o governo de sua época. No entanto, a banda *Bandeira de Combate* fazia o papel de

³⁶ Disponível em: <http://carecasdosuburbiodobrasil.blogspot.com.br/2012/11/post06.html> 16 de junho de 2016.

justiceira, como nota-se em sua música “Eu Sou a Lei”, que Pedro Carvalho³⁷ explica: “Os compositores dizem que tomarão as rédeas dos problemas e atuarão como juízes, aplicadores de suas próprias leis”.

*O caos é intenso e a baderna impera
Pobre destino que terá nossa terra
Política e corrupção andam do mesmo lado
Pois o Estado impotente é seu maior aliado
A pornografia invade os nossos lares
Contaminam nossas mentes e poluem nosso ser
Se não há lei, Se não há lei
Eu sou a lei, eu sou a lei.³⁸*

Outras bandas, como por exemplo, Vírus 27³⁹, Sindicato Oi!⁴⁰, Brigada NS⁴¹, Comando Blindado⁴², entre outras, foram de suma importância na música *punk / Oi!*

Considerações finais

Constatou-se que os Carecas receberam fortes influências das vertentes do *punk* inglês - no Brasil, a principal foi a *Street Punk / Oi!* No início do movimento os “*punks* brasileiros” foram taxados de arruaceiros por quase todos os veículos de comunicação da época, uma vez este que foi recebido e traduzido pelos jovens como arruaça, violência e muito barulho, mas depois do primeiro contato, e passado a etapa de diversão, iniciou-se o estabelecimento dos pilares ideológicos deste movimento, os quais são: A liberdade do indivíduo, a ausência de poder no governo e a oposição ao tradicionalismo, além de irem contra propriedades privadas, patriotas e nacionalistas.

Estes fundamentos culminaram em diversos movimentos culturais e sociais, como as próprias subdivisões dos Carecas: Carecas do Brasil, Carecas do Subúrbio e Carecas do Brasil; as

³⁷ Autor do artigo *Música, neofascismos e a nova história política: Uma análise sobre a presença do Hate Rock no Brasil (1990-2010)*, onde o mesmo ajudou no decorrer do artigo lido, com dicas e suporte na constituição histórica do Movimento.

³⁸ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/bandeira-de-combate/1267451/>. Acesso em 20 de junho de 2016.

³⁹ Banda *Oi!* formada em 1982, criada em São Paulo.

⁴⁰ Banda formada no final de 1980, com influências do *Street Punk / Oi!*

⁴¹ Banda expoente do movimento Careca em 1990.

⁴² Banda racista, formada em São Paulo.

mesmas promoveram mudanças sindicais, mudanças no campo estudantil e no combate da ditadura e opressão militar, além de contribuírem com suas ideologias em vários partidos e movimentos políticos como o de esquerda e direita. Os Carecas, em um âmbito geral, tentaram\tentam se distanciar ao máximo dos *skinheads*, os primeiros a apresentarem uma ideologia, um estilo de vida e de vestimenta regido pelo *punk*.

Referências

BRAMO, Helena. **Cenas juvenis: punks e darks** no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

BRACHT, Alessandro. **O Nacionalismo dos *skinheads* brasileiros**. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/viewFile/11318/6432> . Acesso em 10 de abril de 2016.

COSTA, Márcia Regina da. **Os Carecas do Subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1993.

COTRIN, Gilberto. **História global: Brasil e geral**. 8. ed. Volume único. São Paulo: Saraiva, 2005.

ENTREVISTA. Sex Pistols. **Programa Bill Grundy, 1976**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=trFfIWNesws>> Acesso em 20 de junho de 2016.

GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. **Punk: Cultura e Arte**. In: Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/vh/v24n40/24.pdf> . Acesso em 20 de junho de 2016.

GARCIA, Hamilton. **Crise, traição e renovação da esquerda**. In: Gramsci e o Brasil, 2003. Disponível em: < <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=235>> . Acesso em 16 de junho de 2016.

SALAS, Antônio. **Diário de um *skinhead*: um infiltrado no movimento neonazista**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

TEIXEIRA, Aldemir Leonardo. **O movimento Punk no ABC Paulista**: anjos - uma vertente radical. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp039652.pdf> . Acesso em 11 de abril de 2016.

MENEGUELLO, Rachel. **PT: a formação de um partido – 1979-1982**. São Paulo: Paz e Terra, 1989. (Coleção 54).

WEFFORT, Francisco. **Entrevista à revista Socialismo e Democracia**. Ano III, nº 09, 1986. (Coleção 42)

DIRCEU, José. **Os desafios do PT**. In: Emir Sader (Org.) E agora PT – caráter e identidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. (Coleção 36)

ANEXO - ENTREVISTA⁴³

Nome Completo: *Carlos Roberto Santos Teruel*.

Apelido: *Locão*.

Movimento seguido: *Carecas do Subúrbio*.

Estado civil: *Casado*.

Se casado, sua mulher segue o movimento? *Não*.

Mais alguém da sua família segue o movimento? *Primo*.

Como conheceu o movimento? *Através de amigos*.

Qual sua visão sobre o movimento a qual pertence? *Um movimento de trabalhadores operários, que unidos buscamos por dias melhores às famílias do Brasil*.

Como se veste para sua identificação? *Coturnos, suspensórios e lógico, cabeça rapadas kkkkk'*.
Se não, não seria Carecas Oi!

⁴³ A presente entrevista serviu como suporte, pois foi por meio desse diálogo que inúmeras dúvidas tomaram a materialidade necessária à construção do nosso texto. Assim, agradecemos a *Carlos Roberto Santos Teruel (Locão)* pelo tempo dispendido no decorrer dessa interação.

Fazem reuniões periodicamente? Se sim, onde ocorrem essas reuniões? *Sim, tem reuniões, nos reunimos em eventos.*

Faz parte de alguma banda ou gangue? Se sim, quais? *Toquei em 3 bandas já, 1. Ódio Oi!, 2. Scenes of violence, 3 Strauss.*

Que tipo de músicas\bandas você escuta? *Oi! Até Death Metal.*

Escuta outro estilo musical a não ser o punk? *Sim hc, metal death thrash, oi!*

Conhece a banda Bandeira de Combate? *Não pessoalmente, escuto o som da banda, mas não fui em nenhum show deles.*

Qual sua relação com a área profissional? *Sou vigilante.*

Prática alguma arte marcial ou exercício físico por conta do movimento? *Já pratiquei diversos, mas não mais.*

Quais os outros movimentos que você é contra? *WP, punks, etc. Alguns com mentes poluídas com nihilismo, ssas' merdas lixos do mundo.*

Com quantos anos entrou no movimento e qual foi a reação da sua família? *Família só me buscando na cadeia, muita treta, entrei no movimento com 16 anos em 1992.*

Existe algum batizado de entrada para o movimento? *Se sim, qual? Sim, chutes, pontapés, na roda. Em um evento de som com bandas Oi! Carecas.*

Qual sua verdadeira ideologia? *Consciência nacionalista, sempre!*

Recebido em 2023 10 – 23

Aprovado em 2024 – 06 – 14

Publicado em 2024 – 07 - 15